AmarGen: A Jornada Dionisíaca Na Dependência Química

NASSIF, SLS; GIANNOTTI, BB; FALCONE,FN

INTRODUÇÃO

Muitas foram as vivências, ao longo da jornada percorrida, desde os anos de elaboração da minha tese de doutorado, em populações de jovens, com "demência" produzida pelo uso abusivo de substâncias (cocaína) até a execução deste novo projeto.

A experiência de ser um viajante estrangeiro, caminhando entre departamentos da clínica neurológica e psiquiátrica, seus respectivos ambulatórios e da pesquisa básica, foi sempre acompanhada por questionamentos existenciais.

Como poderia integrar todo o conhecimento que me estava sendo apresentado, em beneficio daqueles pacientes?

Em minha mente ressoava a frase, feito imagem:

> *O químico segue os passos da natureza, ajudado pela razão e pela experiência. A mente inconsciente do homem vê corretamente mesmo quando a razão consciente é cega e impotente. (Jung CW11:608)*

Sabia que devia cumprir a "jornada" proposta e esperar que uma resposta pudesse surgir. Segui os procedimentos acadêmicos. Conclui a tese em 2001. Escrevi o livro em 2003. Iniciei outro projeto, integrando a pesquisa básica, com a clínica psiquiátrica de dependentes químicos e suas comorbidades, na tentativa de encontrar "a resposta" a tanto esperada. Até que, em 2009, no congresso do Chile, não havia mais nenhum trabalho a ser apresentado.

Foi neste exato momento que conheci o psiquiatra Flavio Falcone e sua proposta de projeto: AMARGEN. Como acreditar que a resposta poderia chegar assim, inesperadamente, em terras estrangeiras? De forma tão diferente dos formatos anteriormente desenvolvidos?

O PROJETO "AMARGEN"

Fui me surpreendendo com aquela proposta nascida ali, além das fronteiras geográficas e acadêmicas. A nova epistemologia dava sentido à dimensão do humano, em toda sua dramaticidade, de angústias tão profundas, que a narrativa do mito dionisíaco expressa tão bem. Deste modo, a nova idéia foi lentamente tomando corpo e começando a dar sentido às minhas experiências vividas.

> *Sangrando, chegam de todos os cantos, pedindo o fim do sofrimento. Não sabem bem o motivo da angústia, mas sabem que algo precisa mudar. A grande maioria dos dependentes está a beira do abismo, quando não já em queda livre. (Nassif, 2003, p.227)*

Mesmo assim, continuavam meus questionamentos: Como atender a essa população? Como compreender essa experiência de vida, na proximidade da morte e suas várias tentativas de retorno à vida?

Parece que enfim encontro um modelo no Projeto AmarGen que tem como pressuposto mítico-arquetípico a jornada dionisíaca no atendimento de pacientes com dependência química.

Este projeto se desenvolve através da Cia de circo-teatro AmarGen, que utiliza dança, teatro e palhaço na recuperação de dependentes químicos, funcionando como um

vaso alquímico de atributos dionisíacos, ativando processos de aperfeiçoamento individual, transformação e expressão do potencial criativo.

O paciente, ao ingressar no grupo, apresentando vivências de abandono, despedaçamento titânico e emoções desenfreadas, é recebido pelo riso do palhaço, além de ter atendimento convencional psiquiátrico (medicação e acompanhamento) e psicológico em grupo. Assim, as artes cênicas se compõem com o acolhimento do grupo e do terapeuta à promoção de aspectos criativos, funcionando como ritual de passagem para novas experiências e descobertas.

A técnica utiliza a "improvisação dança-teatro", tem como base a retomada da consciência corporal, funciona como veículo canalizador da agressividade e da força, possibilitando "manifestações criativas e espiritualizadas por meio da vivência do corpo-emocional".

As apresentações teatrais são rituais, onde o mestre de cerimônias é o palhaço, a união dos opostos complementares - nas palavras de Fellini 'anjos no inferno e demônios no céu' - promovem "o estado de graça", de epifania dionisíaca. Este estado de êxtase mítico promove consciência e concorre para a incorporação da natureza selvagem.

O MITO DE DIONÍSIO

Outra vez me surpreendo ao iniciar a pesquisa sobre Dionísio. Entro em contato com diferentes autores e me deparo com a complexidade do mito, sua antiguidade e implicações que, a todo tempo, suscitam em mim inesperados questionamentos, talvez em busca do entendimento de uma verdade velada.

1. Dionísio na linha de sucessão olímpica.

Dionísio é o quarto na linha de sucessão de Urano, Cronos e Zeus. É aquele que traz a nova ordem para o Olimpo, que humaniza e aproxima o homem dos deuses.

> *Num sentido profundamente religioso, o culto dionisíaco apesar de suas perversões e mesmo através delas, é testemunho do violento esforço da humanidade para romper a barreira que a separa do divino e para liberar sua alma dos limites terrestres. Por mais paradoxal que possa parecer, Dionísio, a se considerar o conjunto do seu mito, simboliza o esforço de espiritualização da criatura vivente: deus da árvore, do bode, do fervor e da união mística.*
> *Seu mito é a síntese da história de uma evolução [...] que tende a transformar o humano numa raça divina. (Chevalier-Gheerbrant, 1990, p.341)*

É Dionísio o responsável pela continuidade da tarefa realizada por Zeus e os seus antecessores, na construção da consciência da humanidade, que ultrapassa a vivência matriarcal de Urano-Cronos, vai além da organização patriarcal proposta por Zeus e, na ressureição de uma alteridade criativa, busca a integração do homem com deus.

2. Antiguidade do mito

Citando os estudos realizados por Marques, no Departamento de Historia Antiga em Lisboa, podemos dizer que:

> *Apercebemo-nos da miríade de incursões possíveis para a aventura de descortinar as origens do deus. Da Trácia à Beócia, da Frígia a Creta, da Síria à Argólida ou à Ática, as origens do deus esfumam-se com a mesma intensidade com que parecem materializar-se aqui e ali, de acordo com as diferentes tradições. (Marques, 2010, p.9)*

Podemos identificar a presença do mito dionisíaco **na Hélade** em torno do séc. XIV a.C., como demonstram as tábuas micênicas de Pilos. (Brandão, 2000, p.286).

> *Embora Homero não credite relevância, podemos comprovar que Dioniso já era conhecido no período da escrita da Ilíada e da Odisséia.*
> *As primeiras fontes arqueológicas que fazem menção datam do II milênio. (Barbosa, 2011, n.02)*

Naquele tempo se traça uma linha divisória entre humano-divino, profano-sagrado, como cita Brandão:

> *Antes de Dionísio, costuma-se dizer, havia dois mundos: o mundo dos homens e o inacessível mundo dos deuses. A metamórphosis foi exatamente a escada que permitiu ao homem penetrar no mundo dos deuses. Os mortais, através do êxtase e do entusiasmo, aceitaram de bom grado alienar-se na esperança de uma transfiguração. (Brandão, 1996, p.140)*

Assim podemos constatar que as "religiões de mistérios" desde o alvorecer dos tempos, estão ligadas ao plantio das terras no outono e colheita na primavera, com a armazenagem dos grãos...

> *em silos subterrâneos no verão, para serem replantados no outono seguinte. A riqueza, a opulência da comunidade, se encontra nas profundezas do mundo subterrâneo, confiada a Plutão, a divindade ctônica dos domínios infernais. Elêusis era o lugar onde o cultivo dos cereais tinha sido inventado por Demeter, a deusa telúrica. A ideia de que a vida provém da escuridão abissal, das regiões ctônicas, constitui um importante tema mitológico associado ao ciclo de morte, da descida ao mundo subterrâneo e ao renascimento da vida. Em outras palavras, as imagens agrícolas foram utilizadas para traduzir uma mensagem espiritual. (Burkert, 1992; Campbell, 1997, p.179-80)*

Campbell ressalta que "o material do mito é o material da nossa vida, do nosso corpo, do nosso ambiente; uma mitologia viva, vital, que lida com tudo isso nos termos mais adequados à natureza do conhecimento da época" (Campbell, 1997, p.07). Deste modo, o objetivo da vida, a consciência, passa a ser ativada pela presença do mito.

Em nossos dias observamos a perda de significado para a vida pela falta de um mito central, como Edinger pontua:

> *O colapso de um mito central é como o estilhaçamento de um frasco contendo uma essência preciosa: o líquido se derrama e se escoa, sugado pela matéria indiferenciada à sua volta. O sentido se perde. Em seu lugar, reativam-se os conteúdos primitivos e atávicos. Os valores indiferenciados desaparecem e são substituídos por motivações elementares de poder e prazer, ou então o indivíduo expõe-se ao vazio e ao desespero.*
> *É a perda de nosso mito consciente que está na raiz da angústia individual e social, e nada, a não ser a descoberta de um novo mito central, vai resolver o problema para o indivíduo e para a sociedade do nosso tempo. (Edinger, 1993, p.9-11)*

Jung em "A Prática da Psicoterapia" apresenta a importância do mito para os processos de cura e sofrimento psicológico.

> *As representações míticas, com seu simbolismo característico, atingem as profundezas da alma humana, os subterrâneos da história, aonde a razão, a vontade e a boa intenção nunca chegam. Isso porque elas também provêm daquelas profundezas e falam uma linguagem, que, na verdade, a razão contemporânea não entende, mas mobilizam e põem a vibrar no íntimo do homem.*

> *A regressão que poderia assustar-nos à primeira vista é um concentrar e integrar forças, que, no decorrer da evolução, vão constituir uma nova ordem. (Jung, C.G., 2007, p.13).*

3. A extinção das "religiões de mistério da antiguidade tardia"

Elêusis floresceu no mundo clássico e sobreviveu até a conversão do Império Romano em Império Cristão (327 d.C.), na regência de Constantino, com o estabelecimento do cristianismo como uma da religião autorizada do Império Romano.

Os mistérios de Elêusis foram abolidos em 395 d.C. quando começou uma perseguição violenta e sistemática aos santuários que foram objeto de vandalismo tanto mais violento quanto mais sagrados eram considerados. (Campbell, 1997: p.178)

Este é um capitulo especial, ainda, a ser desenvolvido.

4. Os significados do Mito Dionisíaco

Mitos são formas tradicionais e estruturadas de ações sequenciais executadas por um "agente" antropomórfico. São modalidades mais remotas e difundidas sobre o "falar de deuses" no mundo antigo, com raízes na tradição oral. Os mitos, predominantes nos mistérios, exercem um efeito de penetração incomum onde cada divindade tem seu mito específico ao qual se vincula. Há normalmente traços gerais bem conhecidos (exotéricos) e outros detalhes tidos como "sagrados" (esotéricos) que devem ser conservados em segredo.

> *Quanto a Dionísio há uma ampla variedade de mitos baquícos, mas no tocante aos mistérios apenas um relato tem chamado atenção à história de Dionísio ctônico, filho de Perséfone e morto pelos Titãs, antepassados dos homens. Diversos autores vinculam explicitamente esse mito aos mistérios, parece que Heródoto o considerava secreto. (Burkert, 1992, p.83-4)*

5. O Mito:

O primeiro Dionísio

Dionísio-Zagreu, nascido como ser masculino da união divina entre Zeus e Perséfone, abandonado e perseguido por Hera é aquele que renasce pelo coração.

Sua mãe, Perséfone ou Koré era filha de Demeter com Zeus, dotada de rara beleza, quando menina, enfeitiçou todos os que habitavam o Olimpo. Sua mãe Demeter recusou todas as ofertas de casamento que lhe foram feitas, como narrado por Nono de Panópolis.

Perséfone, ainda virgem, foi violentada pelo pai, metamorfoseado em serpente ou dragão, possívelmente às portas do Hades. Foi, sem consultar Deméter, que Zeus cedeu ao pedido de casamento formulado por seu irmão Hades (o duplo sombrio de Zeus). Hades, impaciente, emergiu da terra e raptou-a enquanto colhia flores com as ninfas. Sua mãe inconformada vagou a sua procura, tornando a terra estéril, até que Zeus ordenou que fosse libertada. Em outra versão Demeter vai buscá-la no Hades com Hermes.

Por ardil ou não o esposo Hades faz com que coma um bago de romã antes de sair, desta forma ela fica ligada às profundezas para sempre. Por esse motivo ela terá que voltar uma parte do ano ao Hades, tempo em que a terra fica sem vida, sem produção. Tempo em que se transforma na sombria Perséfone. O resto do ano volta à superfície como Koré, a eterna adolescente, explicando desta forma, com sua vida o ciclo anual das colheitas.

Em algumas referencias essa romã seria o fruto da árvore que brota, no Hades, do sangue do filho esquartejado: Dionísio-Zagreu.

Da relação Zeus-Perséfone nasce Zagreu, com chifres, que logo subiu ao Olimpo, pegando os raios de Zeus. Este filho que será sempre perseguido pelo ciúme de Hera, é abandonado pela mãe que segue suas obrigações com o Hades.

Zeus para proteger o filho dos ciúmes de sua esposa Hera, confiou-o aos cuidados de Apolo e dos Curetes, que o esconderam nas florestas de Parnaso. Hera, mesmo assim, descobriu o paradeiro do jovem deus e encarrega os Titãs de raptá-lo e matá-lo. Ele se transformou num touro para fugir, mesmo assim foi pego e destroçado pelos seus inimigos.

> *Com os rostos polvilhados de gesso, a fim de não se darem a conhecer, os Titãs atraíram o pequeno Zagreu com brinquedos místicos: ossinhos, pião, carrapeta, "crepundia" e espelho. Olhando-se no espelho, Zagreu tornou-se presa fácil dos Titãs. De posse do filho de Zeus, os enviados de Hera fizeram-no em pedaços; cozinharam-lhe as carnes num caldeirão e as devoraram. Zeus fulminou os Titãs e de suas cinzas nasceram os homens, o que explica no ser humano os dois lados: bem e mal. (Brandão, 2000, v.1, p.286; Brandão, 1995, v.2, p.117 e 297)*

Athená ou Deméter, não se sabe ao certo, salvou o coração que ainda palpitava e o conduziu a Zeus.

Zagreu é um deus da religião órfica, possivelmente de origem frígia, cujo culto começou por volta do século VI a.C., assim referido por Píndaro e Nono de Panópolis.

> *É um dos nomes pelos quais é chamado o Deus do êxtase e do entusiasmo no mundo mediterrâneo. Tem uma estreita analogia simbiótica com Dionísio. Só que Dionísio enquanto Zagreu é um deus que embora eufórico é de caráter mais místico que profano, com rituais menos escatológicos, carnais, viscerais e mais transcendente, dignos de quem obedece a um Deus muito superior prestando-lhe obediência e contemplação que jamais se assimilou de todo ao "segundo Dionísio" filho de Sêmele.*
>
> *Para os antigos a etimologia mais aceita de Zagreu é o "grande caçador noturno", é um Deus da noite, notívago, que não gosta do dia. Há aí uma analogia com morcego e com a coruja. A sapiência de Zagreu se dá na escuridão da noite. (Brandão, 1995, v.2, p.114; Fortuna, 2005).*

Neste sentido faz par simétrico com Apolo, *"o deus Sol, da consciência, ordem, lei, medida, pensamento, defensor do partiarcado"*. (Souza, In: Alvarenga, 2010, p.304)

Jung faz referência a: *"Dionísio-Zagreu, cuja substância divina se acha difundida por toda a natureza. Portanto, aquilo que se sacrifica sob a figura do pão e do vinho, é em poucas palavras, a natureza, o homem e Deus reunidos na unidade do simbólico"*. (Jung, C.W.XI §387)

O segundo Dionísio

Zagreu voltou à vida. Em uma das muitas variantes do mito, Zeus engole o coração do filho, antes de fecundar Sêmele, filha de Cadmo e Harmonia, fica grávida do Segundo Dionísio.

> *Hera, ao ter conhecimento das relações amorosas de Sêmele com o esposo, resolveu eliminá-la. Transformando-se na ama da princesa tebana, aconselhou-a a pedir ao amante que se lhe apresentasse em todo o seu esplendor. O deus advertiu a Sêmele de que semelhante pedido lhe seria funesto, uma vez que um mortal, revestido de matéria, não tem estrutura para suportar a epifania de um deus imortal. Mas, como havia jurado pelas águas do rio Estige jamais iria contrariar-lhe os desejos. Zeus apresentou-se lhe com seus raios e trovões. O palácio da princesa se incendiou e esta morreu carbonizada.*

Dionísio foi salvo por um gesto dramático do pai dos deuses e dos homens: Zeus que recolheu apressadamente do ventre da amante o fruto inacabado de seus amores e colocou-o em sua coxa, até que se completasse a gestação normal. Tão logo nasceu o filho de Zeus, Hermes, o recolheu e levou-o, às escondidas, para a corte de Átamas, rei beócio de Queronéia, casado com a irmã de Sêmele, Ino, a quem o menino foi entregue e criado, como menina.
Irritada com a acolhida ao filho adulterino do esposo, Hera enlouqueceu o casal. (Brandão, 2000, v.1, p.288)

Dionísio-nascido da coxa de Zeus, criado por Sileno

Salvo do fogo, renascido da coxa do pai, é um "filho do pai", como Athená.

Zeus, segundo o poeta Nonnos, ao ver o filho sair de Semele já queimada, acolheu Dionísio semiformado, encerrando-o em sua coxa. Esperou o curso da lua até que a maturidade do feto chegasse e as dores do parto anunciassem o nascimento do menino, que passara do regaço feminino ao masculino, pelas mãos do pai que presidiu pessoalmente o parto, destruindo os obstáculos e soltando os fios que cosiam a coxa geradora. Logo que nasceu, as Horas coroaram os chifres de Baco com grinaldas de hera e flores (alusão a Baco-Hébon).

Zeus, temendo nova investida de Hera, transforma o filho em bode (viril, fecundante) que é conduzido por Hermes para o monte Nisa, na Trácia, longe das fronteiras da Hélade, aos cuidados de Sileno, onde irá conhecer o vinho, os estados alterados de consciência, o enlouquecimento, o teatro, os festejos.

Hermes foi o primeiro a chamá-lo Dioniso, como lembrança de sua origem paterna referindo-se ao significado de Niso que quer dizer coxo, uma vez que Zeus caminhava coxeando quando trazia o peso do filho em sua coxa.

Há uma referencia de que a vinha tinha desaparecido pelo dilúvio de Deucalião, reaparecendo na terra depois que as chuvas cessaram. Essa vinha é Baco que, nascido duas vezes, se mostrou aos homens, primeiro como a germinação da planta, e depois como o fruto das vinhas.

Dionísio, já na adolescência, banhando-se com os sátiros nas águas do Pactolo e brincando com eles nas costas da Frígia, ligou-se amistosamente a um jovem sátiro chamado Ampelos. Em breve, tornaram-se inseparáveis, mas um touro furioso matou o infeliz. Dionísio não podendo consolar-se, derramou ambrósia nos ferimentos do amigo e colhendo um cacho de uvas, espremeu delicadamente entre seus dedos, fazendo verter o suco, dizendo: *"Amigo, a partir deste instante serás o remédio mais poderoso contra as dores humanas"*. É precisamente esse divino suco que deu à uva a qualidade embriagadora. (Nonnos)

Dionísio aparece em sua plenitude nas epifanias onde o fogo efervescente do vinho jorra com a mesma intensidade que a loucura sangrenta afoga sua presa. (DETIENNE, M. Dionísio a céu aberto. 1988).

Sua educação foi confiada às ninfas, aos sátiros e aos pastores. Quando retorna à Polis sua comunicação é perturbada, desviada, estranha e mesmo assim ele insiste em se apresentar como um Deus nobre em suas errâncias e impõe que o aceitem desta forma.
BRÔMIO e IACO são epítetos que se referem aos gritos, estremecimento, ruído, agitação, palpitação. Designações que identificam perfeitamente todo o agito e estados de transe ocorridos nas procissões de Dionísio e em seus rituais estridentes, quase satânicos. (Brandão, 2000: v.1 p.288-9; FORTUNA, 2005, p.36)

O riso de Dionísio

Segundo alguns mitos de criação, o universo nasceu de uma enorme gargalhada. O papiro de Leyde, sec. III, registra que das gargalhadas de Deus nasceram os sete deuses que governam o mundo. Pouco antes do sétimo riso, Deus inspira profundamente, mas ri tanto que chora, e de suas lágrimas nasce a alma. Esses mitos revelam que Deus, ou o Absoluto, em um determinado momento é acometido por uma crise de riso enlouquecida. É como se, de repente, tivesse consciência do absurdo de sua existência e o riso seria o resultado desse processo.

Na Grécia, as festas dionisíacas organizavam ocasiões de riso, que davam sentido e eficácia à representação e reatualização dos mitos.

As dionisíacas eram práticas de inversão da ordem social, onde era necessário brincar de mundo ao contrário, invertendo hierarquias e convenções sociais; excesso, transbordamento e transgressão eram a regra, terminando em caçoada e orgia.

O riso dionisíaco representava o estado de transe, o avesso do cotidiano, a ruptura com as atividades sociais, o esquecimento do profano, o contato com o mundo dos deuses e dos demônios que controlam a vida. É o retorno do homem ao mundo do sagrado, retorno físico ao numinoso, cuja plenitude se confunde com a do estado primordial. O riso de Dionísio era obrigatório em suas festas, pois tem a função de reforçar a coesão social na cidade, assegurando a perpetuação da ordem humana e renovando o contato (pelo riso) com o mundo divino. Aqueles que se recusam a despojar-se do conformismo social eram condenados com a loucura selvagem como conta o mito de Penteu, na peça *As Bacantes.*

Na história dos mitos divinos, o riso está frequentemente associado ao retorno da vida, ao renascimento. Para os gregos, os deuses deram a capacidade do riso ao homem, porém este se mostra incapaz de controlar essa força que o ultrapassa. O riso dos mitos só é verdadeiramente alegre aos deuses, nos homens, nunca a alegria é pura, pois a morte sempre está por perto, e essa intuição, sobre a qual estamos sujeitos, contamina o riso.

> *Um dos maiores traços de Dionísio consiste em embaralhar sem cessar as fronteiras do ilusório e do real, fazendo surgir bruscamente outro lugar aqui embaixo, nos desterrando de nós mesmos; é bem a face do deus que nos sorri, enigmático e ambíguo, nesse jogo de ilusão teatral que a tragédia, pela primeira vez, inaugura a cena grega. Não é a toa que Dionísio seja associado ao teatro antigo grego e que este misture intimamente a comédia e a tragédia. (Vernant, 1986)*

Dionísio parceiro de Ariadne

Ariadne, a mais bela das filhas de Minos, é a heroína do novo tempo que auxilia Teseu, herói ateniense, a exterminar o Minotauro que habitava os labirintos do castelo de Cnossos. Fornece ao herói o fio e a espada para esse confronto. Teseu triunfante segue para Atenas e no caminho abandona Ariadne na ilha de Naxos.

Alguns autores dizem que Teseu a abandonou pelo incesto ao contribuir para a morte de seu irmão, Minotauro, outros afirmam que Teseu teria sido intimado por Dionísio a abandoná-la. Ariadne chorou amargamente a separação.

> *Dionísio, delicado e gentil, com todo seu cortejo de sátiros e mênades, veio salvá-la. Desposou-a colocando-lhe sobre a cabeça a coroa de Tétis, feita por Hefestos.*
>
> *Em algumas versões teria morrido no trabalho de parto, o que levou Dionísio a descer ao reino do Hades para resgatá-la e levá-la ao Olimpo. Com ela, Dionísio realiza o par simétrico, expressão do coração. (Souza, In Alvarenga, 2010, p.303-6)*

Segundo Kerényi ela foi a única esposa do deus. Tiveram três filhos, que simbolicamente expressam os três afetos inerentes ao padrão de alteridade nos relacionamentos humanos. São eles: Príapo, deus protetor da fecundidade e da amorosidade; Himeneu, deus do cortejo nupcial e da compaixão; e Hermes ctônico, deus psicopompo das transmutações e do desapego.

> *A subida de Ariadne ao Olimpo aconteceu depois que ela se juntou ao deus na ilha de Naxos. Quando ela o encontrou entregou-lhe uma taça, para que Dionísio pudesse enchê-la e a epifania do vinho fosse obra sua. O Deus festejou sua companheira, colocando nos céus a famosa grinalda de ouro: Coroa de Ariadne. (Kerènyi, 1998, p.207-9)*

CONCLUSÃO

Este trabalho amplia o entendimento sobre as relações mítico-arquétipo-simbólicas presentes no processo terapêutico, relativas às questões de vida-morte, corpo-mente, sagrado-profano, exotérico-esotérico, expressas tão amplamente no *continuum* do mito dionisíaco.

Esses conteúdos são de grande valia à clínica revisitada por este trabalho que ajuda o dependente a ler e diferenciar emoções por eles desconhecidas, possibilitando um encontro mais significativo com o outro, através da experiência do AMOR.

Essa nova proposta "assemelha-se ao aspecto dionisíaco que contribui para a estruturação de símbolos pós-patriarcais e inaugura outra etapa do modo de ser mais consciente e harmônico". Este pensar vem orientando e ampliando o trabalho de recuperação e inclusão social dos dependentes químicos no projeto AmarGen.

O mito de Dionísio, deus da metamórphosis e da transformação, presta-se de forma absoluta a realização da tarefa de dar suporte ao atendimento de pacientes que se encontram AmarGen do social, podendo se identificar com os diferentes aspectos desse deus, ao mesmo tempo humano e divino, em continua mudança, que incorpora a idéia de acaso e eterna busca.

Dionísio, ora retrata as forças de dissolução da personalidade, a regressão às forças caóticas e primordiais da vida, provocadas pela orgia e submersão da consciência no magma do inconsciente; ora arrebata e transporta para seu reino por meio do êxtase todo o mundo cotidiano, que assim se transforma. Possibilitando a ruptura dos antigos condicionamentos petrificados e a dissolução das mágoas e angústias em um novo modo de compreender a vida.

SINOPSE

Este trabalho tem como objetivo explicar o embasamento teórico no atendimento e acompanhamento de pacientes com dependência química, utilizando como modelo mítico-arquetípico-simbólico, a jornada dionisíaca. Dionísio, o deus do vinho, do êxtase e do entusiasmo, humaniza e aproxima o homem dos deuses, promovendo a integração da sombra e dos opostos no processo terapêutico desses pacientes, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e social, assim como para o desenvolvimento da consciência individual e coletiva. A partir deste modelo, o Projeto AmarGen, por meio da dança, do teatro e do palhaço, se propõe a disponibilizar aos usuários condições para a ativação dos seus processos de aperfeiçoamento individual, transformação e expressão do potencial criativo. Este pensar teórico-prático vem orientando e ampliando o trabalho de recuperação e inclusão social dos dependentes químicos nesta nova proposta: AmarGen.

Palavras-Chave: Dionísio, dependência química, iniciação, teatro, arte

Key-Words: Dionysus, chemical dependency, initiation, theater, art

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVARENGA, M.Z. **Mitologia simbólica**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

BARBOSA, L.M. **O estrangeiro e o autóctone: Dionísio no mediterrâneo**. Mare Nostrum – Revista de estudos sobre as sociedades antigas, Lisboa, n. 02, 2011.

BRANDÃO, J.S. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. Conteúdo: V. 1 Letras A-I.

BURKERT, W. **Antigos Cultos de Mistério**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

CAMPBELL, J. **As transformações do mito através do tempo**. São Paulo: Cultrix, 1997.

CHEVALIER, J. **Dicionário de símbolos**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

EDINGER, E.F. **A criação da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1999.

FORTUNA, M. **Dionísio e a comunicação na Hélade**. São Paulo: Annablume, 2005.

JUNG, C.G. **Psicologia da religião ocidental e oriental**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1988. (Coleção Obras Completas; v.11).

KERÉNYI, K. **Os deuses gregos**. São Paulo: Cultrix, 1998.

MARQUES, J.M.G. **Dionísio, entre cena e mito**. 2010. 147 f. Tese (Mestrado em História da Cultura e das Religiões), Departamento de História, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

NASSIF, S.L.S. **Avaliação neuropsicológica de usuários crônicos de cocaína não injetável, fora do período de intoxicação aguda**. 2001. 150 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Setor de Neurologia do Comportamento, Departamento de Neurocirurgia e Neurologia Clínica, Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina, São Paulo. 2001.

NASSIF, S.L.S.; ROSA, J.T. **Cérebro, inteligência e vínculo emocional na dependência de drogas**. São Paulo: Vetor, 2003.

VERNANT, J.P. **Mythe et tragédie en Grèce ancienne – II**. Paris: François Maspero, 1986.

Anexo:

Suely Laitano Nassif: pedagoga, psicóloga, psicoterapeuta junguiana, Especialista em Neuropsicologia (CRP), Especialista Cinesiologia Psicológica (Instituto Sedes Sapientae), Mestre em Distúrbios da Comunicação Humana (UNIFESP), Doutora em Neurociências (UNIFESP), Autora do livro: "Cérebro, inteligência e vínculo emocional na dependência de drogas". São Paulo: Vetor, 2003. Ex-Pesquisadora voluntária do DCF da Santa Casa de SP. São Paulo-SP, (11) 5542-6615 / 9633-3656, sl.nassif@uol.com.br | www.comentada.com

Flávio Nastasi Falcone: psiquiatra, psicoterapeuta, terapeuta corporal. São Paulo-SP, (11) 9603-7020, fnfalcone@uol.com.br | www.amargen.org.br

Bianca Giannotti Barros: administradora de empresas (FAAP), graduanda em psicologia (FMU). São Paulo-SP, (11) 8315-7160, bianca.giannotti@gmail.com | www.comentada.com